

dam-se em uma vida morna desprovida de riscos e com excesso de seguridades. Acomodam-se em velhas receitas prontas, testadas e comprovadas. Não é exclusividade de jovens poder provar liberdades, mas para alimentar o fogo é preciso primeiro acendê-lo.

*The Anarchist Cookbook* e suas receitas estão disponíveis na internet para *download*, em sebos eletrônicos, e quiçá na estante de algum amigo, para serem fotocopiadas, distribuídas e saboreadas a gosto. Algumas receitas estão em **vervedobras**. Impresso ou não, o livro escapou às mãos de editores, autores ou autoridades. E se há medidas que não são exatas ou fórmulas químicas que devem ser revistas, fica a cargo dos interessados (e não somente de especialistas) acertar seu uso, divulgá-lo e mesmo descobrir e inventar novas receitas.

Acenda!

## anarquismo contemporâneo? história, memória e luta

ACÁCIO AUGUSTO

Daniel Barret (Rafael Spósito). *Los Sediciosos Despertares de La Anarquia*. Buenos Aires, Libros de Anarres/Terramar Ediciones/NORDON, 2011, 269 pp.

Os chamados processos de redemocratização na América Latina, iniciados na década de 1980; o malogro do

*Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol. Doutorando em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e professor no curso de Relações Internacionais na (FASM) Faculdade Santa Marcelina.*



socialismo, como grande opositor do sistema capitalista, no final da mesma década; a explosão de manifestações antiglobalização ou anticapitalista durante as reuniões de agências globais como FMI (Fundo Monetário Internacional), o Banco Mundial e OMC (Organização Mundial do Comércio), iniciadas na cidade estadunidense de Seattle, em 1999; as hodiernas ocupações de praças por jovens indignados, em 2011, diante dos efeitos da chamada crise neoliberal. Esses são alguns eventos recentes que têm sido apontados como condições para emergência de certo despertar dos anarquismos ou da configuração de um anarquismo contemporâneo. Este livro da *Coleção Utopia Libertária* aparece como uma excelente contribuição para essa conversa. Desde já sua leitura não pode estar dissociada de um alerta contra o que Nietzsche chamou de *febre da história*. Se há uma saudável constatação de uma assimilação das práticas anarquistas por uma política radical do presente, a memória das lutas não pode ser tragada pela lógica da história que chega para dizer aos anarquistas: *Parabéns! Agora vocês são contemporâneos*. Nesse encantamento histórico reside a cilada que pode minar o que os anarquistas possuem de mais fino, delicado e avassalador: *o intempestivo*. A potência anárquica em atualizar as virtualidades da revolta.

A *Coleção Utopia Libertária* é produzida pela associação de três editoras: a *Terramar Ediciones* e a *Libro de Anarres*, de Buenos Aires, e a *Editorial NORDAN*, de Montevidéu. Trata-se de uma coleção múltipla, vasta e heterodoxa de títulos libertários históricos e contemporâneos vertidos para língua espanhola e com distribuição continental. Nos seus mais de trinta livros publicados encontram-se escritos de Max Stirner, Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail



Bakunin, Émile Armand entre outros; mas também escritos e coletâneas de textos produzidos por anarquistas do presente como Tomás Ibañez, Oswaldo Baigorria e Christian Ferrer – este último com presença regular em **verve**.

É nessa coleção que encontramos a pesquisa finalizada em 2007, e de publicação póstuma, do anarquista Daniel Barret, pseudônimo do professor de sociologia e jornalista uruguaio Rafael Spósito. Daniel e/ou Rafael interessou-se pelo anarquismo desde muito jovem, atuando em lutas dos movimentos estudantil e sindical do Uruguai, como militante da FAU (Federação Anarquista Uruguiaia). No início dos anos 1970, com a intensificação da repressão perpetrada pela ditadura civil-militar do Uruguai (iniciada em 1973), muda-se para Buenos Aires. Retorna a Montevideu em 1976 (ainda sob forte repressão), escapando das perseguições da ditadura civil-militar argentina, e participa da reativação da FAU, com a qual romperia mais tarde. Faleceu em 2009, aos 57 anos, em decorrência de um câncer.

*Los sediciosos despertares de la anarquía* é um amplo, embora não exaustivo, inventário da presença e atuação dos anarquistas em diversos países latino-americanos. O projeto é simples, mas sua execução e anseios são ambiciosos. A referência do autor é um levantamento eletrônico, realizado por dois integrantes da *Comisión de Relaciones Anarquistas* (CRA), Néelson Méndez e Alfredo Vallota, radicados na Venezuela, autores de *Bitácora de la utopía – anarquismo para el siglo XXI* (ver **verve 7**, pp. 301-305) e ligados ao periódico *El Libertario*. Como indica Barret e/ou Spósito (pp. 111-115), o diretório eletrônico estabelecido por Méndez em 2005, com o nome *Enlaces web*



*anarquistas y afines en castellano* ([www.nodo50.org/elliberario/enlaces.html](http://www.nodo50.org/elliberario/enlaces.html)), tornou-se sua referência para constituir um “Mapa do despertar na América Latina” (p.109). Antes da exposição do mapa, elaborado primeiro pelo critério de divisão de países e depois pela forma organização e associação dos grupos expostos, formando o segundo capítulo do livro, o autor delinea, historicamente, o *quê* e *como* entende esse despertar anarquista.

O primeiro capítulo, que leva o mesmo nome do livro, propõe uma leitura da história do movimento anarquista como uma Fênix, renascendo das cinzas de sua morte, modificado e com mais vigor e força. Assim, do *Congresso de St. Imier*, em 1872, após a expulsão dos libertários da AIT (Associação Internacional Trabalhadores) e o massacre da *Comuna de Paris* (1871), com a consequente consolidação do anarcossindicalismo, até a *Revolução Espanhola* (1936-1939), essa Fênix viveu um ciclo. Seu posterior despertar, seguindo a caracterização e periodização do autor, ocorreu como *1968*, com suas investidas libertárias na Europa e nos EUA, e efeitos nos movimentos de libertação na América Latina e na África. Então, segue demarcando a influência inicial do anarcossindicalismo em quase todos os países da América Latina, como destaque para o Brasil, o Uruguai, a Argentina e o México, e seu refluxo causado, em grande medida, primeiro pelas investidas repressivas e sindicais de governos populistas e, depois, pela violência sistemática das ditaduras civil-militares da região. Finalmente, chega ao despertar que lhe interessa. Este localizado na onda de protestos iniciada em Seattle (1999), nas quais expressões e práticas próprias dos libertários, como *ação direta*, *grupos de afinidade*, *organização horizontal*, *democracia direta*, e mesmo *anarquia* e *anarquismo*, passam



a habitar o vocabulário e as ações dos chamados novos movimentos ou *movimento de movimentos*. É evidente que essa periodização traz todas as lacunas de uma rasante em tão vasta e longa história.

Sedimentado esse terreno histórico de aparecimento ou grau de presença do movimento anarquista, o livro passa a documentar sua hipótese central: o anarquismo vive um contemporâneo despertar e, em especial nos países latino-americanos, se desenvolve em escala ascendente desde o início da década de 1990. Tal hipótese é demonstrada para defender a tese de que é preciso aproveitar esse momento histórico para a formação de uma rede móvel, ampla e regional capaz de transformar essas favoráveis condições em uma nova possibilidade de um projeto revolucionário. Como afirma o autor, a guisa de conclusão no terceiro capítulo, o que busca é a construção de “uma forma de mínimo múltiplo comum que, realizando alguns ajustes e elevado a uma potência correspondente, engrosse e enriqueça os caminhos da construção de uma ampla rede de intercâmbios, de solidariedades e práticas comuns tão necessárias para a atual circunstância do movimento anarquista na América Latina. E, precisamente e, sobretudo, trata-se de contar com uma agenda de preocupações compartilhadas que sejam algo mais que estéril exercício intelectual, que possa tornar-se uma reflexão de claras consequências organizativas e práticas” (p. 238).

A despeito de um certo academicismo, com demonstração de hipóteses e sustentação de teses, e mesmo de um evidente cacoete sociológico na busca por regularidades e definições de modelos, não cabe, aqui, julgar as opções metodológicas do autor. Ainda que em determinado momento ele se refira a um modelo como *anti-modelo* (p. 192). Cabe



sim ressaltar a coerência interna de sua exposição, sem buscar saídas fáceis ou imputar uma postura anarquista a autores que se recusaram a ser identificados desta maneira. O autor também não se arvora a dizer qual ou quais as práticas são mais ou menos válidas e/ou verdadeiras. Sobretudo, exercita um salutar cuidado em demarcar as diferenças e valorizá-las, além de oferecer uma crítica bem fundamentada ao atual debate entre militantes partidários de um anarquismo “sintetista” ou “especifista” (defensores do que se conhece como *organização específica*) e outros que se auto-reivindicam “plataformistas” (pp. 161-197); ambos em busca da inserção social e da construção de “anarquismo organizado”. Um debate que beira a comichidade quando em nota (p. 190), o autor nos informa de uma organização plataformista argentina, a Auca, que de tão inserida e organizada chegou a apresentar em sua plataforma um plano de governo (sic). No interior de sua argumentação, Barret e/ou Spósito coloca questões que não devem ser ignoradas. Colado ao que chama de história coletiva de nosso movimento, pergunta nesse momento se os anarquistas devem escolher entre a segurança das estruturas ou risco de imaginar.

E, por fim, se fosse necessário indicar ao leitor o porquê de ler esse livro, a resposta está na extensão do inventário já citado. Não pelo seu tamanho, mas pela sua diversidade. Mesmo que esse chamado despertar do anarquismo ative a sanha de espertinhos que sempre acreditaram na centralidade do partido, a se apresentarem, agora, como arautos de novas formas de atuação dos movimentos sociais. E ainda que sob a senha de anarquismo contemporâneo se agrupe o parasitismo de canalhas ou bem comportados professores universitários. A opção em elencar, sem dis-



tinção, as diversas associações, encontros, grupos ou federações que se denominam anarquistas, deixa em aberto e sugere a vacuidade, enquanto campo de possibilidades, de muitos que decidem se aproximar dos anarquismos. Pela vasta lista constituída a partir da *web*, pode-se conhecer, vinculados de diversas maneiras aos anarquismos, associações de ecologistas, anarco-punks, feministas, anarco-indígenas, grupos culturais e coletivos artísticos, federações, grupos de sindicalistas e organizações específicas, associações de moradores de bairro, núcleo de estudos dentro e fora da universidade, pessoas que mantém uma página na *web*, redes de informações, agências de notícias, editoras e distribuidoras, grupos de apoio a prisioneiros e de luta contra prisão, jornais, fanzines, blogs, arquivos eletrônicos, centros de documentação, palestras, encontros, enfim, um sem número de práticas que existem e persistem pelo calor das pessoas envolvidas. Trabalhos e experiências difíceis de agrupar ou classificar por simples afinidade político-ideológica; estão muito mais ligadas às preocupações das pessoas que as compõem.

Tudo isso considerando que, segundo alerta do próprio autor, há possíveis lacunas, esquecimentos ou omissões que um projeto dessa amplitude pode cometer. Destes, o mais notável, sobretudo na sessão dedicada ao Brasil (pp. 124-126), é não ter registrado o encontro ocorrido em São Paulo, entre os dias 24 e 29 de agosto de 1992, *Outros 500: pensamento libertário internacional*, que reuniu, na PUC-SP, libertários de toda América Latina e de outras partes do mundo. Tal encontro foi decisivo para práticas dos anarquistas desde São Paulo e ocorreu muito antes desse alegado despertar. Um esquecimento a se estranhar, sobretudo pelo fato do livro registrar em seu inventário a existên-



cia e permeância do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária).

A memória das lutas anarquistas traz consigo a potência de revolta, a possibilidade de insurgir o intempestivo. Não é por acaso que nesse extenso inventário e nesse esforço em estabelecer os ciclos históricos do movimento anarquista não se leia uma palavra sobre os anarcoterroristas. O que é notável se considerarmos a história dos anarquistas expropriadores da Argentina, contada por Oswaldo Bayer, e, em especial, a existência do singular Severino Di Giovanni (ver **verve 20**, pp. 153-200). O intempestivo, aqui, pode ser associado ao improviso jazzístico ou à sequência de golpes avassaladores de um pugilista que há oito rounds apanha sem parar: a sequência de notas, ou de golpes, irrompe surpreendentemente, mas só existe por meio de longa preparação. Como o de serrar com uma lima uma grade que, ao ceder, precede o disparate da fuga. Mais do que o repentino e salutar interesse pelas práticas que hoje correm o planeta, é sempre bom lembrar que essa potência habita a paciente e persistente *cultura libertária* e suas incontáveis e singulares experiências associativas, educativas, teatrais, de sua imprensa, do amor livre, de seus jornais e editoras e hoje de seus *sites* e distribuidoras, enfim, da disposição e coragem para uma vida libertária. Esta é muito mais e muito menos que um movimento e existe sem aguardar pela utopia ou se preparar para revolução.

Giorgio Agamben, que não se diz anarquista, assinala que uma expressão do contemporâneo é a moda, aquilo que quando aparece *ainda não é* e, em seguida, *não mais é*. Na caracterização de Christian Ferrer, autor na mesma coleção, o anarquista é uma pereba negra, presente onde menos





se espera e em qualquer lugar do atlas. Ao invés de correr para pegar o *bonde da história* e salvar essa sociedade que agoniza, que a anarquia siga, como situa Edson Passetti, um libertário intempestivo, existindo como peste; saúde na doença, que não vacila em deixar essa sociedade morrer. Não há Fênix, não há ressurreição. Para os vivos desse lado sul do mapa oficial, a memória alerta que a sociedade é o contemporâneo de um genocida processo civilizatório que não cessa de se atualizar, em populismos e ditaduras, sustentado por aqueles que querem salvar a sociedade e o Estado e salvar a própria pele.

Para os libertários, saúde! Para a libertária **verve** em seus 20 números, em 10 anos de existência, *saúde e liberdade!*

